

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR  
JOSÉ DA SILVA VIEIRA

Composição e impressão em Typ. Espozendense

Rua Veiga Beirão, 7 a 9  
ESPOZENDE

# O ESPOZENDENSE

Semanario democratico independente—defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Livraria ESPOZENDENSE

Editor: Manoel Gomes da Costa Freitas

ACCETTA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO

Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pagamento adiantado)

Anno, sem estampilha 1\$200 reis.  
Número avulso 40 reis

Com estampilha 1\$360 reis.  
Brasil, (moeda forte) 2\$500 reis

FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL

1886

ANNUNCIOS (seccão competente)

Linha, ou espaço de linha a 40 reis  
Os assignantes tem 25 oº de desconto.

\* Communicados, ou reclames (seccões)  
\* Imposto do sello (cada publicação) 10 r

O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios annuaes, contracto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se recebe um exemplar.

## POLITICA GERAL

### UM NOVO PARTIDO

A politica, nos ultimos dias, tem passado por transformações profundas, diz o illustre deputado snr. Ribeiro de Carvalho, no seu orgão «Radical». O governo ainda se equilibra, não porque o parlamento ostensivamente o apoie, mas porque ha difficuldades em chegar a um accordo para a formação de qualquer outro. E' este o unico motivo da sua manutenção.

Mas se o governo ainda se não esphacelou, outros factos politicos tem succedido de capital importancia. Na terça-feira á noite, runiram-se todos os deputados e senadores do agrupamento do snr. dr. Antonio José de Almeida, tendo deliberado entrar, desde já, em uma energica e vigorosa campanha politica, em um forte movimento de actividade partidaria.

Reconheceu-se alli a necessidade de formar, desde já, um fortissimo partido nacional, que salve a Republica e lhe mantenha o prestigio, contra os inimigos externos e contra os inimigos internos, de modo que as instituções republicanas se elevem áquella serena e inabalavel grandeza, que foi sempre a aspiração de todos os verdadeiros demokratas.

A Republica não poderá ser, nem um regimen de castas, nem um regimen de perseguições e de violencias. Ha de ser uma Republica nacional, progressiva e avançada, mas sensata e prudente tambem.

Ha de ser uma Republica de paz e de trabalho e nunca uma Republica de aventureiros, que pensam mais nos seus odios e nas suas ambições, nos seus resentimentos e nas suas vinganças, do que nas prosperidades da Patria e na tranquilidade de todo um Povo.

N'essa ordem de ideias, a «União Republicana», que se delineára sob a chefia dos snrs. Antonio José de Almeida e Brito

Camacho, é possivel que passe a constituir apenas um accordo parlamentar, um simples e natural accordo dentro das duas casas do Parlamento, emquanto as circunstancias politicas assim o exigirem.

Cá fóra, os amigos do dr. Antonio José d'Almeida formarão um grande partido independente, com uma organização modelar e solida, em todos os districtos, em todos os concelhos, em todas as freguezias do paiz.

Essa organização está destinada a ser, na politica portugueza, uma força colossal, porque n'ella se hão de integrar, não só todos os velhos combatentes da Republica, já identificados com a orientação d'esse grupo, mas todos os homens honestos, sinceros e criteriosos, que queiram a realização da divisa suprema da Republica: Ordem e Trabalho.

Será um partido onde possam caber os grandes proprietarios, os grandes commerciantes, os grandes industriaes, todos aquelles que se tem sentido alarmados e receosos com a desordem e a anarchia dos ultimos tempos.

Mas será um partido, tambem, onde as classes trabalhadoras, a grande legião dos prolectarios, encontrarão os meios praticos para a conquista de todas as suas justas reivindicações. Não será tentada essa conquista, aos saltos, ao solavancos, a impulsos violentos e desordenados, porque as condições economicas de um paiz inteiro não se transformam de um dia para o outro, por um simples acto de rebellião. Essa conquista, que é a aspiração justissima de todos os que trabalham, ha de conseguir-se pela modificação serena e sensata das relações entre o capital e o trabalho.

O novo partido não erguerá, no seu programma, nem phantasias, nem illusões. Dirá a verdade ao paiz, porque é a verdade que o paiz precisa ouvir.

Os seus propagandistas hão de espalhar-se por toda a parte, de norte a sul, a todas as classes levando, sempre, palavras

de paz e tranquilidade. Mais ainda: palavras de confiança na Republica, palavras de confiança nos destinos d'esta grande Patria.

A Republica debate-se em uma crise—digamos toda a verdade—que é urgente debellar. Trata-se de uma crise de desconfiança. A agricultura, o commercio, a industria, a burguezia, e, emfim, todas classes conservadores, desconfiam do dia de amanhan: receiam a perda dos seus capitaes ou a desvalorização das suas propriedades.

As classes pobres, os que trabalham, todos os lutam e todos os que sofrem, desconfiam de tudo, porque tudo lhes prometeram e nada lhes deram...

Salvemos o paiz d'esta crise tremenda, levemos e paz e a confiança a todos os espiritos—e a Republica estará salva.

E' esta a grande missão que deve impôr a si proprio o novo partido. E' este o caminho que tem a seguir, sem receios, sem tibiezas, sem desfallecimentos.

No dia em que emprehender esta jornada, serenamente e corajosamente, contra todos os bandidos da Monarchia e contra todos os aventureiros da Republica, ha de ver que tem a seu lado, não uma simples legião partidaria, mas o paiz inteiro.

Mãos á obra.

## FRASES FEITAS

XI

### Copo-de-água

Beber um copo de agua é coisa naturalissima; ato que se faz sem esforço, antes com prazer. Dai o dizer-se que tal acção se praticará com tanta simplicidade «como quem bebe um copo de agua». Assim o escreveu Camilo nas *Novellas do Minho* (ed. 1877), pag. 32: «vou ahi para a bocca d'um bacamarte como quem bebe este copo».

A comparação é antiga. Somente, como o uso dos copos não era tão *democratico*, se dizia «púcaro de agua».

O pucarinho nacional, de barro fino, era muito apreciado. Camões no *Filodemo* (ed. 1852), pag. 222 compara a delicadeza de *Dionysa* «a hum pucarinho de Natal», e no *Anatômico Jocosio* (ed. 1889), pag. 94, se diz que certas freiras dão água de uma

fonte misteriosa «em pucarinhos enramados que vão chiando».

Na *Ulisipo* (ed. 1787), pag. 272, dá-nos Jorge Ferreira de Vasconcelos um exemplo antigo desta comparação: «E hum de nós agora passa doze duzias delles [trabalhos] muito maiores, como beber um púcaro de agua».

Mas o *púcaro-de-água* não servia simplesmente para simbolizar a facilidade que se attribuia á execução de um ato, era tambem a derivação semántica de uma acção de caridade cristã, tomada daquelle belo exemplo da samantissima. «Dar de beber a quem tem sede» é preceito humanitarismo, donde o considerar desgraçado aquelle que não tem «quem lhe chegue uma *sêce de agua*».

O facto, pois, de dar água a beber indicava caridade com o próximo e amor ao seu semelhante. Cristo na cruz, pediu água e o requinte da crueldade incitada pelo desprezo, está indicado na esponja embebida em vinagre que, dizem, lhe chegaram aos lábios.

A escudela ou outro vaso de agua tornar-se-ia o sinal de amizade e paz para com os estrangeiros ou hóspedes que os da casa acolhiam e desejavam honrar.

O costume atravessou os tempos conservando quâse intacta a nobreza do sentimento mas perdendo na cerimônia da fórmula o que ganhou em liberdade de acção. Dai o *púcaro-de-água* que, oferecendo-se como simbolo de satisfação e estima, segundo o rito, passou a pouco e pouco, com as exigências gastronomicas das idades da raça, a ser acompanhado de várias iguarias, ligeiras a principio, até se tornarem em banquete ou mais, como diz o bom D. Francisco Manoel de Melo na sua interessante *Carta de Guia de Casados* (ed. 1747) pag. 83: «Huma cousa que antigamente entre as amigas se chamava púcaro d'agua, passou a ser merenda, e de merenda a banquete e de banquete tem já subido a tanto que se lhe não acha nome, ou pelo menos não lho quero dar».

*Democratizado* o copo, passou a dizer-se *copo-de-água* para significar uma coisa assim a modos de *comezânia*, em que geralmente os copos se enchem de vinho, embora fino, como a champanha...

Ainda assim a reminiscência do passado não se afogou de todo, porque o *copo-de-água* é geralmente um serviço volante e ligeiro que se oferece com a intenção de honrar alguém ou celebrar algum facto.

Por isso me parece, na comparação, que entre a facilidade e prazer com que se bebe um copo-de-água e o copo-de-água do antigo cerimonial, existe a comunidade de um pensamento de simplicidade e satisfação.

XII

### Amolar as palanganas

Não sei se a frase é usual

no país, por isso não é mau ficar de remissa, até ver.

Entretanto, visto que a empregou Camilo na *Corja*, (ed. 1963) pag. 310, (1) no mesmo sentido de «pagar as favas», vejamos:

*Palanganana*, diz-nos Moraes, era um vaso de barro de muita circunferência e pouco pé, talvez uma espécie de alguidar destinado a vários liquidos.

Viterbo deduz do texto de um praso de 1420 que *amoliar* pode significar: «compôr e reparar as vasilhas em que se recolhe o vinho», deduzido do b. lat. *amola* e *amula*—vaso para vinho. (2)

*Amolar as palanganas* é frase registada e condenada nas *Infermidades da Lingua* por grosseira e imprópria da lingua culta. Pode ser que no seu sentido primitivo ela significasse o serviço pesado da reparação do vasilhame depois de fabricado o vinho.

Enquanto uns o bebiam, regalando o paladar, outros *amolavam as palanganas*, na humildade da sua condição de desprotegidos.

Daí, ironicamente, a aplicação da frase áqueles que respondem inocentemente pelas culpas ou erros doutrem.

XIII

### Dois dedos

Quere o sr. João Ribeiro (1) que, no caso de

*Dois dedos* de latim,  
*Dois dedos* de teologia,

esta medida do saber o mesmo valha que *pitada*. «O sábio antes de responder

«Abre a caixa e tomando uma *pitada*...

como se diz no *Hissope*, começa a discorrer.»

Não ficou bem explicita pelo illustre académico a relação que possa haver entre a *pitada* que o sábio toma gravemente e os *dois dedos* da sua ciência.

*Dois dedos* é, neste caso, como em todos os outros, uma medida minima de extensão ou quantidade. Assim, indiferentemente, dizemos:

*Dois dedos* de latim  
*Dois dedos* de vinho  
*Dois dedos* de cavaco

A predilecção pelo numeral

(1) «Foi o pae e mais o José que me levaram a isso... mas quem *amolou as palanganas* fui eu,»

(2) Madureira Feijó na sua *Orthographia* (ed. 1739) diz-nos que *palanganana* é um «vaso de barro largo e grande com figura de tijela».

No *Anatômico Jocosio* (Bibl. Univ.) pag. 110:

«já uma palanganana de cuscos, que tolo ha que lhe não lamba os beiços».

Em Freixo-de-Espada-á-Cinta, *palanganana* é uma «espécie de tijela ou pequena bacia de barro branco vidrado, com pinturas». «E' loiça *coimbrêsa*», diz a minha informadora. Tambem lhes chamam *fontes*,

(1) V. *Frases Feitas*—(I)—pag. 46.

2 manifesta-se em outros casos depreciativos como:

Não vale dois caracóis ou dois patacos.

No caso de um ou dois dedos de vinho (em um copo) temos o «*dêdo* de mel» como vem no *Anatômico Jocosô*: «farei um soneto por um *dêdo* de mel...»

Estas medidas naturais, applicadas em variadas circumstancias, eram e são ainda de uso popular.

Na *Eufrosina*. (ed. 1787) pag. 17, escreveu Jorge Ferreira: «dahi a quererdes fazer prôverbios, não ha *dous dêdos*» ou «um passo», como se diz hoje. Com mais propriedade usou Fernão Mendes na *Perigrinação*, vol. II, pag. 210 (edição Brito Rebello): «espadas de mais de tres *dêdos* de largô».

Temos tambem o caso de «dois dêdos de papel» empregado pelo P.<sup>e</sup> Manuel Bernardes na *Nova Floresta*, vol. IV, pag. 241 (ed. 1911—Bruno) e os «dois dêdos de propósito» na carta X (1736) do Cavalleiro de Oliveira—*Cartas* (ed. 1855), vol. I, pag. 134. (2)

E assim se emprega: «um, dois, três, quatro dêdos, mão travessa e palmo» como medidas reais ou figuradas. (3)

Na «Carta Disparatoria» do *Anatômico Jocosô*, curioso trocadilho de equivalências vocabulares, escreve-se a respeito de uma fantástica donzela: que tinha «uma mão de gral, outra de relógio, os dêdos de medir, um pé de verso...»

No exemplo de Gregorio de Mattos:

Um *dêdo* de grego outro de latim,

dá-se figuradamente a medida do saber em cada lingua, equivalendo ás *duas letras* deste passo da *Eufrosina*, pag. 322: «Porque qualquer Bachalaureatus com *duas letras* quer procurrar pro Milone ut Cicero...»

Daí o caso de *ter dedo*, isto é, «ter um pouco de saber ou habilidade», como se diz na *Feira de Anecins* de D. Francisco Manuel: «Diga vossê que *tem dedo* para tudo.» Extensivamente ás vezes quere dizer «habilidade e saber com abundância.»

Parece-me pois provado que é desnecessário tentar relacionar os *dois dêdos á pitada*, como medida do saber, visto que o *dêdo*; —como a polegada e o palmo, —se applicam amiúde no uso popular.

(2) Tomás Pinto Brandão, no seu curioso *Pinto Renascido* (ed. 1732) emprega a expressão em dois casos diferentes que mostram no entanto a mesma relação ideológica:

«Mas em Maria, ainda assim acho que Pedro andou néscio Sabendo que ella sabia de «Cristaes d'Alma» *dous dêdos*»

(pag. 263)

«É talvez que S. Christovão fosse mais alto *dous dêdos*».

(pag. 298)

(3) No vol. IV dos *Ensaio Ethnographicos* do Dr. Leite de Vasconcelles, vem, a pag. 219, esta advinha colhida em Felgueiras, e em que ha parte desta escala de medição correntia:

«Fui á devesa  
Do meu visinho,  
E cortei um pãozinho  
Que não tinha palmo,  
Nem meio-palmo,  
Nem dedo,  
Nem meio-dedo:  
E d'elle fiz um copo  
Por onde bebo.»

XIV

## Câsa da Mãe Joana

Parece-me pouco aceitável a afirmativa do Sr. João Ribeiro (1) de que esta *Mãe Joana* seja corrupção do voc. árabe *dum-ghan*—garraão. O espanhol *damaiana* derivado daquêle explicaria, pela assonância, a frase se ella existisse nesta lingua, mas é evidente que não existe.

Pondo de parte a *casa* que vem substituir pudicamente o vocábulo próprio da frase plebeia, a *Mãe Joana* será mais provavelmente a *ameijoadá*—*meijoadá* que era o redil ou malhada em que de noite se recolhia promiscuamente o rebanho. Talvez do ant. *meijão*—*meijon* (V. *Origem e Orth. da Lingua Portuguesa*, de Duarte Nunes do Lião) como derivado do fr. *maison*.

Deste sentido de promiscuidade se tomou o vocábulo na acepção de «deboche» como vem na *Ulisipo* (ed. 1787) pag. 54: nessas *meijoadas* sempre ha pagodes e bom vinho, que para ella [a mãe alcoviteira] he o proprio reclamo.» E na *Corja*, de Camilo, (ed. 1903) pag. 129: «Não era sem repugnancia que Araujo alugava a casa para taes *ameijoadas*; mas emfim pagavam-lhe bem, e elle não podia endireitar a sociedade.»

*Ameijoadá* significou tambem «o pasto que se dá de noite ao rebanho», como diz Moraes citando a *Chronica de D. João I*.

Destas idéas associadas de «comezaina e licenciosa promiscuidade», ligadas ao vocábulo assim empregado já pelo Chiado na sua violenta resposta ao mulato Afonso Alvarez (V. *Obras*, pag. 178):

«Ea não heí convôco nada;  
lograe vossa *meijoadá*  
no mundo e'os mais contentes;  
não me rēganheis os dentes,  
porque vos não temo a ossada.» (2)

é que a frase se gerou por corrupção do vocábulo, corrupção propositada e irônica pedida pela fantazia popular que lhe pospugna um outro vocábulo necessário ao sentido completo de devassidão ou liberdade.

Estoutro vocábulo que o sr. João Ribeiro substituiu por *casa*, para não ferir ouvidos castos, é o lat. *cuna*, nome que, alterado na sua primeira vogal, os povos do Vale-do-Cóina dão ainda hoje a uma espécie de marmita.

Assim, a *cuna da ameijoadá* equivaleria á *gamela da lavadura*, lugar em que todos mexem e se refocilam livremente como cerdos em pia...

Dessa frase, adulterada pornographicamente em forma e sentido, se gerou por decência e concisão outra mais corrente: *o da Joana*.

«Então isto aqui é *o da Joana*? perguntou o Alberto vendo os companheiros remexerem-lhe na mala.» *O Seculo*, 12 Abril, 1909.

## Oscar de Pratt.

(1) V. *Frases Feitas*—I—pag. 163.

(2)—V. tambem o *Anatômico Jocosô* na *Primeira*, *Adição*, o pregação do príncipe Neptuno Marisco.

## A normalidade

O «Diario do Governo publicou um decreto, com data de 14 do corrente, levantando a suspensão de garantias.

## CARTA

Sr. Redactor de «O Espozendense»

Permitta-me que me utilize das columnas do seu jornal para dar uma resposta, como julgo do meu dever, ao cidadão Secretario de Finanças deste Concelho.

No domingo gordo, 18 do corrente, fui procurado por um empregado da repartição de Finanças que me pediu «para ir falar com o sr. Ferreira.»

A custo, diga-se de passagem, acedi, pensando que num dia que era de folga e em que os mais sidosos põem de parte a sua costumada seriedade, para se divertirem, não era para alguem se enterrar numa repartição e na fazenda de mais a mais.

Soube então que um inspector de finanças de primeira classe, queria ouvir diversas pessoas sobre as queixas que no concelho se levantaram contra o grandissimo augmento dos impostos.

Trocadas algumas palavras n'esse sentido, em que se fallou no augmento das contribuições neste concelho e que, ninguém justificou, o cidadão Secretario de Finanças inicia a sua defeza, ao principio encobrindo-se com a pessoa do ex.<sup>mo</sup> Administrador do concelho e em seguida dando-se como uma victima de perseguições e odios pessoas, dizendo ao seu superior, á falta de melhor argumentos que neste concelho só quem estas linhas subscreve e uma familia cujo nome citou, o perseguiam: mais ninguém.

Quanto a mim revoltome contra semelhante afirmação e a minha vida publica neste concelho só por si basta como formal desmentido ás insinuações descaçadas do Secretario de Finanças.

Nunca persegui ninguém, não persigo ninguém, mas tambem a ninguém admitto que para se defender recorra a semelhantes processos.

Com que direito fez o cidadão Secretario de Finanças esta afirmação? Em que bases as fundamentou?

Vejamos; o cidadão das Finanças poz a questão pessoal, porque era a unica sahida airoza que tinha perante o seu superior; e para isso não duvidou afirmar publicamente que eram meus os artigos que «O Espozendense» publicara e que lhe cream no concelho *difficultades enormes*.

Ora a afirmação do cidadão Secretario de Finanças é tudo quanto ha de mais gratuito, porque nunca poderá provar que esses artigos são escriptos por mim.

Mais ainda: como disse que neste concelho só minha familia e eu o perseguiamos—appello para a consciencia de todos os espozendenses e peço a quem vir em sua ex.<sup>a</sup> a victima e em nós o aigóz, áquelles que concordarem com sua Ex.<sup>a</sup> e discordarem do que diziam os citados artigos do «Espozendense», que sua Ex.<sup>a</sup> reputa meus, o que repito não poderá provar, o favor de o declararem publicamente nas columnas deste jornal, e então o cidadão Secretario de Finanças terá occasião de ver que não é um só ou dois que se queixam mas sim a quasi totalidade do concelho.

Espozende, 21 de Fevereiro de 1912.

João de Barros

## Pensamentos

(Expressamente compilados para o «Espozendense» por L. Leitão).

Quando o infortunio te perseguir, refugia te no coração, e se o asylo fôr puro, ele não poderá ali alcançar-te; os homens injustos carecem d'este asylo e porque o seu coração não é puro.—*Bastos «Meditações»*.

—No mundo, só as almas vulgares aceitam dô.—*Fernandes Costa*.

—Aquele que pensa com amargura na sorte do seu proximo e diz com inveja: és mais feliz do que eu, não sabe o que diz. O que sabe elle? O que sabemos nós da victima intima dos nossos semelhantes?—*François Coppée*.

—Todo o bem, assim como todo o mal; todas as virtudes e todos os vicios, nascem do coração; desde que o consagrems ao Bem cumprimos com o nosso primeiro dever, e consado ele, tudo o mais lhe pertence.—*Boileau*.

—Mais vale um bom nome do que uma grande opulencia.

—O amor proprio é um terreno abominavel em que germinam todos os vicios e em que deitam raiz e crecem á maravilha o orgulho e a presumpção.—*Leão XIII*.

—A guerra civil é a peor das guerras, sob o ponto de vista moral, porque mais de perto fêre o grande principio da fraternidade, e o seio amantissimo d'essa Mãe common, que se chama a Patria.—*Dr. Armelin J. or.*

## Uma sentença

Por ser de momentoso interesse para o commercio d'este concelho, damos a seguir um extracto da sentença, que no meio d'um applauso unanime e bem merecido, fô dada recentemente no nosso tribunal n'um processo por transgressão do descaço semanal.

Como d'ella se vê e conforme o unico direito admissivel, que aqui já referimos, podem estar sempre abertos todos os estabelecimentos, contanto que se garantam o descaço aos assalariados.

E agora, que a Camara d'este concelho, pensa em fazer nova regulamentação sobre esse descaço, onde não deixarão de estar em cheque os interesses e os direitos de muitos commerciantes nossos, achamos de manifesta utilidade a publicidade d'esta sentença, onde magistral e claramente estão expostas as disposições legais sobre o assumpto.

Aproveitamos a occasião tambem para felicitar a commerciante em questão e seu marido sr. Annibal de Villas-Boas Netto, nosso presado amigo, pela justiça que lhes foi feita, e razão que lhes foi reconhecida na sentença absolutória.

O Ministerio Publico accusa a ré Anna da Silva Rego, casada, de quarenta annos d'idade, natural da freguezia de Laundos, da comarca da Povoia de Varzim, e residente na das Marinhas d'

esta comarca, por ter no dia tres de dezembro do anno findo de mil noventos e onze transgredido o artigo seis, do decreto de oito de março, do mesmo anno, que regula o descaço semanal, e o respectivo regulamento municipal, visto ter vendido tabaco e aguardente no seu estabelecimento da freguezia das Marinhas d'esta comarca.—A ré defende-se pelo modo constante da acta.—Inquiriram-se as testemunhas produzidas por parte da accusação e da defeza. O que tudo visto, e os documentos que estão juntos ao processo, provou-se que a ré realmente vendeu no seu estabelecimento no citado dia tres os generos acima referidos, mas fel-o ella propria, e não qualquer seu assalariado.—Assim não transgrediu a ré o regulamento de oito de março de mil nove centos e onze, porque a portaria de 5 de Abril do mesmo anno expressamente preceitua que o encerramento não será considerado obrigatorio, nem se poderá compellir a não trabalhar quem não for assalariado naquellas localidades em que os regulamentos das camaras municipaes expressamente o não determinarem.—Ora da leitura do regulamento da Camara municipal d'este concelho, que se encontra a folhas nove e folhas treze, conclue-se sem sombra de duvida que a Camara nada resolveu em contrario áquella portaria para hypotheses identicas á que agora se discute.—Julgo portanto improcedente a accusação, e absolvo a ré Anna da Silva Rego, que mando em paz e sem custas.—Espozende, sete de fevereiro de mil novecentos e doze. Antonio Vicente Leal Sampaio.

Esta sentença transitou em julgado sem recurso algum.

## Escrivão do 2.º officio

Foi nomeado escripto effectivo do 2.º officio n'esta comarca o sr. João Evaristo de Moraes Rocha, que até agora era escripto notario substituto, por impedimento de seu pae João Evaristo da Rocha, que recentemente falleceu no Porto.

## Contribuição de renda de casas

Bem que peze a alguem, continuaremos no proximo numero a tratar do aggravamento que n'este concelho soffreram as contribuições de renda de casas.

Serão ainda os numeros que continuarão a fallar, até que se reconheça por parte de quem isso compete, que se não trata d'uma especulação pessoal da nossa parte, como alguem tem tentado insinuar, mas da asseguração d'um direito de critica, e da defeza dos legitimos interesses que a lei nos concede.

Foi nomeado substituto do juiz de direito, nesta comarca, o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. José Bernardino de Abreu Gouveia, da illustre casa de Belinho.

Tambem foi nomeado ajudante do notario Villela, desta villa o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Alexandre Henrique Torres, digno advogado nesta comarca.

### O Carnaval em Espozende

Não se pode negar que este anno os dias de Carnaval, apesar da impertinente chuva que por vezes os toldaram, estivessem menos animados do que nos anteriores.

Pelo contrario. As diversões publicas foram mais numerosas, houve o mesmo entusiasmo e movimento de mascaradas e de carros pelas ruas da villa, de maneira que podemos até registrar as seguintes notas sobre o que foram entre nós esses dias de folga consagrados a Momo.

No domingo e terça-feira, como estavam annunciados realisaram-se dois concorridos e animados bailes publicos de mascaradas, onde predominavam n'uma variedade escolhida e alegre, lindos ranchos de tricanas.

Na segunda-feira tambem nos salões da Assembleia Espozendense, promoveu-se uma elegante soirée masque, dedicada aos socios d'aquella florescente aggrêmiação, e ali nos foi dado vêr engraçadas e bem vestidas mascaradas de costumes ricas e do mais requintado bom gosto. Dançou-se com a maior animação, no meio d'uma lucta constante de confetti, serpentinas, etc, tendo havido um delicado serviço, fornecido pela confeitaria Luso-Brazileira, de Vianna do Castello. Foi uma noite bem passada, que deixou perduráveis saudades entre aquelles que viram correr velozes n'aquella noite, as horas de prazer e de alegria, que tão gentilmente a Direcção d'aquella associação lhes proporcionou.

Tambem na terça-feira em varias casas se realisaram imprevisamente concorridas soirées surprises, onde não faltou, da mesma fórma, entusiasmo e animação.

Nomeadamente, a que se realisou no palacete Valentim Fonseca, foi cheia da mais viva alegria e no meio da maior concorrência, tendo-se dançado até ás 5 horas da manhã com indescriptivel entrain.

O Carnaval nas ruas, não passou tambem sem a sua nota de fino espirito, onde se revelava uma inoffensiva, quanto adequada parodia.

Referimo-nos a um cortejo que se organisou na noite de terça-feira em que figuravam quatro carros, um, conduzindo um homem que entre outras expressões, destacava a de «requeira», e o segundo transportava um grupo de lavradores protestando contra o augmento de

contribuições de renda de casas.

Nos outros dois, seguiam um chalet com o distico: «Atenção! Afilhados! 15\$000 reis», e uma cabana, sem tecto, com o distico: «Não se pôde! 30\$000 reis».

Isto em resumo; porque as piadas que sabiam dos carros eram de tão flagrante verdade e tão continuas, que mal pudemos tomar notas dellas. E sobre este assumpto nada mais.

A bom entendedor... E assim acabou o Carnaval de 1912.

## CONVITE

No interesse do commercio em geral convidam-se os commerciantes desta villa e concelho para comparecer no proximo domingo, 25 do corrente, pelas 2 horas da tarde, no edificio da antiga escola Conde Ferreira, d'esta villa, para se deliberar de commum accordo com todos, sobre o modo a dar cumprimento ao descanso semanal neste concelho.

E' da maxima conveniencia que todos compareçam, para assim se resolver qual a orientação a seguir perante a nova regulamentação que a Camara Municipal d'este concelho sobre tal assumpto vae brevemente elaborar, de maneira a se evitar futuros prejuizos ao commercio em geral, e a assegurar-se iniludivelmente os direitos que lhe assistem.

### Lampreias

Já foram pescadas no nosso formoso e poetico Cavado alguns destes saborosos peixes, vendendo-se por preço elevado. A affluencia das aguas por causa do rigoroso inverno impede a sua apanha.

### Afogado no Rio Cavado

Na Afurada, proximo de Prado, afogaram-se na ultima quinta-feira, 3 operarios, que passavam em barco o rio.

### Jogo de quino

Queixam se-nos de que em uma casa da rua da Pita, d'esta villa, se joga o quino entre me-noes, até altas horas da noite e tambem de dia.

Pedem-se providências á authoridade neste sentido.

Foi no dia 17 publicada na folha official a lei isentando os corpos administrativos do pagamento de custas e multas nos processos de expropriação por utilidade publica, sendo essas disposições applicaveis desde já a todos os processos pendentes.

## RELOGIOS

de prata, aço e niquel vendem-se baratos na CAIXA PENHORISTA DE ESPOZENDE.

## Em Fão

Vendem-se baratas pelo seu dono estar ausente, duas moradas de casas torres, sendo uma sita na rua de baixo e outra na rua de cima; são livres e allodiaes.

Pode ver-se todos os dias. Para tratar ou dirigir correspondencia a

José Antonio Alves Pontes, na Povoação de Varzim, rua do Almada n.º 89 e 93.

### OBRAS FOLK-LORICAS

Revista do Minho, para o estudo das tradições populares.

(Annos publicados):

I anno (1885-1886), preço 600 reis. II anno, 86-87, (9 n.ºs) 225 rs. (esg). III anno, 87-88 (10 n.ºs) 350 rs. (esg). IV anno, 88-89. (12 n.ºs) 300 rs. (esg). V anno, 89-90 (12 n.ºs) 460 rs. (esg). VI anno, 90-91 (18 n.ºs) 500 rs. (esg). VII anno, 91-92 (24 n.ºs) 500 rs. (esg). VIII anno, 92-93 (25 n.ºs) 500 rs. (esg). IX anno, 93-94 (29 n.ºs e um appendice), 1:000 reis (esgotado). X anno, (19 n.ºs) 1:000 reis. XI anno, (27 n.ºs) 1:000 reis (esgot). XII anno (15 n.ºs) 1:000 reis. XIII anno, (17 n.ºs) 1:000 reis. XIV anno, 1:000 reis. XV anno, (30 n.ºs) 1:000 reis. XVI anno (24 n.ºs) 1:000 reis. XVII anno, 400 reis. XVIII anno, 600 reis. XIX anno em publicação.

Ramahete de Canções populares colhidas no concelho d'Espozende. Preço 60 reis.

Bibliotheca Folk-lorica Portuguesa, I volume publicado, «Materiaes para a historia das tradições populares do concelho d'Espozende». Preço 200 reis (esgotado). A reimprimir.

Collecção Silva Vieira: 1.º volume (contém 10 volumes a saber): As Brotas, Linguagem Infantil, Poesia Popular Alentejana, por Soeiro de Brito.—Folk-lore e dialectologia de Espozende, (noticia bibliographica), por Armando da Silva.—Astronomia e meteorologia po-

pular alentejana, por Soeiro de Brito.—A Opala, por M. M.—Tradições Maiatas, por Candido A. Landolt.—A dança em Portugal, por Alberto Pimentel.—Duas leis, documentos antigos.—Subsidios para o estudo do Folk-lore Infantil Portuguese, por Candido A. Landolt. Preço 1:000.

II vol. Enaios Ethnographicos, I vol. de 374 pag. por J. Leite de Vasconcellos. (1.ª edição esgotada). Reimpressa a 2.ª. Preço 1:000 reis.

Vol. III, II dos Enaios, do mesmo auctor, preço 600 reis.

Vol. IV, (III dos Enaios), pelo mesmo auctor, preço 700 reis, edição de Lisboa. (A' venda aqui)

Vol. V, (IV, dos Enaios, pelo mesmo auctor, edição da Livraria Classica preço 800 reis. (A' venda aqui).

Outras obras publicadas: Setecentas Comparações Alentejanas, por Antonio Thomaz Pires, preço . . . . . 300 reis

—O Folk-lore, folheto, por Theophilo Braga . . . . . 100

—O que é e para que serve o folk-lore, opiniões de diversos folkloristas. . . . . 100 reis

—Folk-lore Lanhosense, por. Albino Bastos. . . . . 300 reis

—Tradições populares da provincia do Douro, por João Vieira d'Andrade . . . . . 300 reis

—Folk-lore Vimaranesense, por D. Leite de Castro. . . . . 200 reis

—Demosophia, por Soeiro de Brito. . . . . 300 reis

—Folk-lore da Figueira, por M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, I vol de perto de 300 paginas, 500 rs.

No prelo: O Folk-lore da Figueira, II vol.

Em publicação: —Tradições populares da provincia do Minho, I, cancionero, por José da Silva Vieira.

Enviem-se pelo correio estas obras a quem as requisitar mediante o pagamento feito adiantadamente em valle do correio ou notas.

Pedidos ao seu director: José da Silva Vieira—ESPOZENDE.

### ADVOGADO

**BARROS LIMA**

Rua Veiga Beirão

## REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal para o estudo das tradições populares dirigida por

**José da Silva Vieira** e collaborada por todos os folk-loristas portugueses e estrangeiros

Assignatura  
Anno, Portugal.....600  
Estrangeiro ..... 1:000

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza da Revista do Minho ou ao seu director, José da Silva Vieira,—ESPOZENDE.

TYPOGRAPHIA, LIVRARIA E PAPELARIA ESPOZENDENSE RUA VEIGA BEIRÃO, 7 A 9 ESPOZENDE

Edições d'esta livraria: OBRAS LITTERARIAS De ALVARO PINHEIRO: Sonancias, versos, 1.ª e 2.ª edição, I volume (esgotado) . . . . . 200 rs. Amores Perfeitos, versos, I volume com o retrato do auctor . . . . . 500 » Pétalas, versos, 2.ª edição, correcta e augmentada, com apreciações á 1.ª edição . . . 300 »

De MANOEL VILLAS BOAS: Croquis, casos vulgares, etc. 1888. Na Minha Aldeia, (cartas a um curioso) 1902. . . . . 300 » Conversando, cartas a um professor, 1908, prosa . . . . . 300 »

De VIRIATO D'ALMEIDA: No Campo, versos, 1905, uma elegante brochura . . . . . 160 »

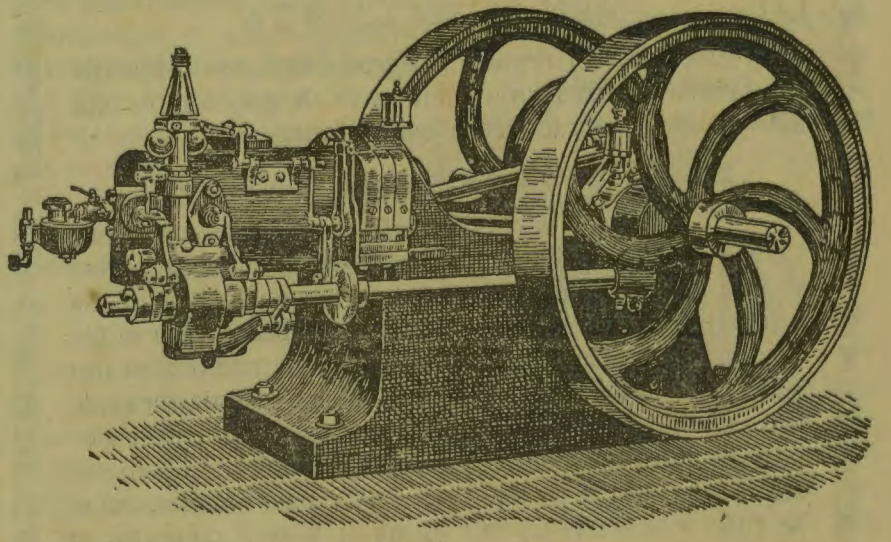
## VERSOS DO CORAÇÃO GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Um volume de mais de 200 paginas—500 reis. A' venda em todas as livrarias do paiz, o na redacção de «O NAUTA,, em Ilhavo.

# RODRIGO D'OLIVEIRA DUARTE SERRALHEIRO MECHANICO

TROFA (junto á estação do caminho de ferro)

Fabricante de motores a vento, noras ou engenhos de tirar agua com gado, bombas de pequeno rendimento, grades e portões de ferro, prensas para bagaço, etc.



IMPORTADOR E INSTALLADOR de motores a gazolina, a gaz pobre e a petroleo; bombas centrifugas e de pistão para grandes rendimentos e altas pressões; moagens para milho e centeo; abaste cimentos d'agua para rega de campos, etc.

Encontrando-se habilitado a fazer todas as installações acima indicadas, pede ao publico que não compre quaesquer d'aquellas machinas sem ver o seu plano e os seus preços, pois são os mais baratos que se encontram na praça, não só em



artigos de seu fabrico, como importados do estrangeiro.

(1) **R. M. S. P.**  
**MALA REAL INGLEZA**



**PAQUETE CORREIO A SAHIR DE LEIXÕES**

**AMAZON em 11 de março**

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

Preço da passagem de 3.ª classe para o Brazil . . . . 49\$500

» » » » Rio da Prata . . . . 49\$500

**PAQUETES CORREIOS A SAHIR DE LISBOA**

**ARAGUAYA em 4 de março**

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

Preço da passagem em 3.ª classe para o Brazil . . . . 49\$500

» » » » Rio da Prata . . . . 49\$500

**AMAZON em 12 de março**

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passagem em 3.ª classe para o Brazil . . . . 49\$500

» » » » Rio da Prata . . . . 49\$500

**ASTURIAS em 18 de março**

Para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

Preço da passagem em 3.ª classe para o Brazil . . . . 49\$500

» » » » Rio da Prata . . . . 49\$500

**AVON em 2 de abril**

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passagem em 3.ª classe para o Brazil . . . . 49\$500

» » » » Rio da Prata . . . . 49\$500

*A bordo ha creados portugueses.*

Na agencia do Porto podem os snrs passageiros de 1.ª classe escolher os beliches à vista das plantas dos paquetes, mas para isso recommendamos toda a antecipação.

Os paquetes de regresso do Brazil, offerecem todas as commodidades aos snrs. passageiros que se destinam a Pariz e Londres.

Acceptando-se tambem passageiros para New-York S. Miguel (Ponta Delgada) com trasbordo em Southampton.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal

**TAIT & CO.**

Rua do Infante D. Henrique, — PORTO

Ou aos agentes nas provincias.

Os bilhetes de passagees, vendem-se em **Esposende** em casa do snr. José da Costa Terra.

**UNGUENTO PARA FERIDAS**

(SEGUNDO UMA FORMULA ANTIQUISSIMA)

*Cura rapidamente escrophulas, molestias de pelle, tumores, golpes, arranhuras, antraz, cortadellas, panaricios, feridas antigas, idem de syphilis, e toda qualquer ferida.*

(2) **VENDA EM LISBOA**

Este infallivel remedio, segredo de uma antiquissima familia e cuja formula tem mais de 400 annos, tem sido sempre applicado com exito favoravel.

**MANEIRA DE APPLICAR O REMEDIO**

E' tão facil a sua applicação como facil é o resultado. Havendo qualquer inchação ou inflamação, unta-se esta parte molestada com o unguento. Se fôr ferida à superficie, cobre-se em toda a sua extensão com o remedio, embrulhando ou cobrindo o remedio com um panno de linho. Se fôr profunda, faz-se uma mexa de fios de linho os quaes se envolvem em unguento e depois se introduz dentro da ferida, ficando esta bem assente. Quando a ferida deite muito pús, materia, cura-se mais vastas vezes 2, 3, ou 4 vezes, conforme a exigencia da mesma, deitando pouco 2 vezes, sendo ferida sem pús 1 vez ao dia. Deve-se evitar sempre que á ferida a curar se agregue pó ou qualquer porcaria, liquido de agua etc. Quando se principia a curar qualquer ferida deve-se fazer a esta a maior limpeza e quando possivel sem ser com liquido que contenha cal ou potassa, limpando só com um panno de linho na occasião de cada cura, sendo estes pannos lavados em agua corrente que não contenha sabão, porque tendo-o agrava a ferida e custa mais a cura.

**Caixas de 100, 200, 300 e 500 reis**

**DEPOSITARIA**

**LIVRARIA E PAPELARIA ESPOZENDENSE**

RUA DIREITA — ESPOZENDE

**CONTRA A TOSSE**  
**Xarope Pectoral James**

Premiado com medalhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido. Recommendado por mais de 300 dos principaes medicos

UNICO especifico contra tosses aprovado pelo Conselho-de-saude, publica e tombem o unico legalmente auctorisado pelo Governo e privelegiado, depois de evidenciada a sua efficacia em muitissimas observações officialmente feitas nos hospitais e na clinica particular.

**CONTRA A DEBILIDADE**

**FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA, DA PHARMACIA FRANCO FILHOS**

Premiada com as medalhas de ouro em todas as exposições a que tem concorrido.

UNICA legalmente auctorisada e privelegiada.

E' um tonico recostituente, e um precioso alimento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos de peito, falta de appetite' em convalescentes de quaesquer doencas, no alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade, como attestam milhares de medicos e doentes que a tem usado.

Usam-na tambem as pessoas de boa saude, que querem uma refeição ou lunch de facil digestão, cujo effeito, pode realçar-se com um calix de Vinho Nutritivo de Carne. Pacote 200 reis.

**PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS**

**VINHO NUTRITIVO DE CARNE**

UNICO auctorisado pelo governo, approved pela Junta de Saude Publica e Privelegiado

Recommendado por centenares dos mais distinctos medicos, que garantam a sua superioridade contra a debilidade na convalescença de todas as doencas e sempre que é preciso levantar as forças ou enriquecer o sangue; empregando-se com o mais feliz exito, nos estomugos ainda os mais debéis para combater as digestões tardias e laboriosas a dyspepsia, anemia, ou inação dos orgãos, o rachitismo, effecções escrofulosas, etc.

Usam-no tambem, com o maior proveito, as pessoas de perfeita saude que tem excesso de trabalho physico ou intellectual, para reparar as perdas occasionadas por esse excesso de trabalho, e tambem aquellas, que, não tendo trabalho em excesso recebem comtudo enfraquecer, em consequencia da sua organização pouco robusta.

Está tambem sendo muito usado as coltheres com quaesquer bolachas ao lunch, a fim de preparar o estomago para receber bem a alimentação do jantar; podendo tambem tomar-se ao taast, para falcitar completamente a digestão.

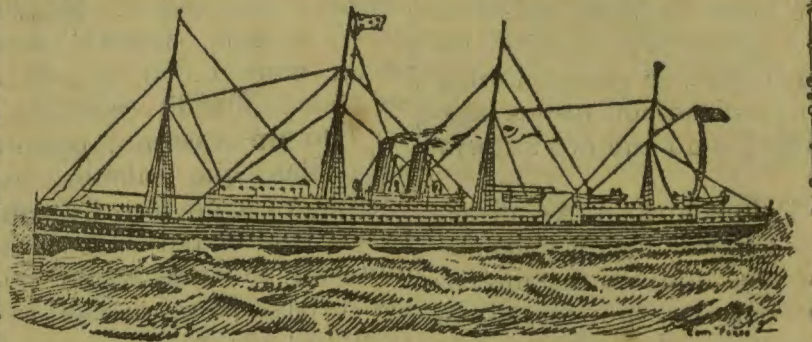
E' o melhor tonico nutritivo que se conhece é muito digestivo, fortificante e recostituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos e voltam as forças.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

O seu alto valor tem-lhe conquistado as medalhas d'ouro em todas as exposições nacionaes e estrangeiras a que tem concorrido.

A' venda nas principaes farmacias de Portugal e estrangeiro. Deposito geral: **PEDRO FRANCO & C.ª. PHARMACIA FRANCO FILHOS. getem — LISBOA**

**COMPANHIA REAL DO PACIFICO**



Magnificos paquetes da carreira do Brazil, illuminados a luz electrica dando excellente tratamento e vinho a todas as comidas

**PAQUETES CORREIOS A SAHIR DO PORTO DE LEIXÕES**

**ORTEGA** — A dois helices, de 8.500 toneladas, em 30 de janeiro, para Las Palmas, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu, Buenos Ayres, Valparaiso e mais portos do Pacifico.

**OROPESA** — A dois helices, de 5.500 toneladas, em 13 de fevereiro, para Las Palmas, S. Vicente, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu, Buenos-Ayres, Valparaiso e mais portos do Pacifico

Preço das passagens de 3.ª classe para o Brazil . . . Rs. 55\$500  
» » » » Rio da Prata » 45\$500

Para escolha de camarotes e mais esclarecimentos dirigir-se aos geutes geraes no norte de Portugal

**KENDALL PINTO BASTO & C.ª**

73, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE — PORTO

**HOTEL CENTRAL**

Francisco José Ferreira

RUA DR. MANOEL PAES E EGREJA

Este antigo e acreditado hotel continuª, como sempre, a receber hospedes, tratando estes, como todos os seus freguezes, com a maxima consideração. Tem serviço permanente — boas commodidades — aceio — limpeza — preços modicos. (5)

**ACABA DE PUBLICAR-SE**

**FOLCLÓRE**

DA

**FIGUEIRA DA FOZ**

Coordenado por M. Cardoso Martha e Augusto Pinto

Repositorio da poesia, liturgia, costumes e narrativas populares

**SAIU O PRIMEIRO VOLUME**

Contendo:

I — CANCELLEIRO

a) Canções geraes. b) Canções do S. João. c) Canções tópicas. d) Canções coreographicas. e) Notas ao Cancioneiro.

II — ROMANCEIRO

a) Romances religiosos. b) Romances profanos.

III — FOLCLÓRE INFANTIL

a) Modismos. b) Superstições. c) Costumes. d) Adivinhas. e) Problemas. f) Rimas. g) Jógos.

Pedidos á Livraria Esposendense, Editora

Rua Veiga Beirão 7 a 9

**ESPOZENDE**

**BREVEMENTE O 2.º E ULTIMO VOLUME**

AOS AMANTES DA TRADIÇÃO POPULAR

UM VOLUME DE MAIS DE 300 PAGINAS POR 500 REIS!